

Trabalho e educação: a percepção dos estudantes do IFPB/Campus Campina Grande

Márcia Maria Costa Gomes ^[1], Noemia Dayana de Oliveira ^[2]

[1] mmarciagomes@gmail.com ; Orientadora. [2] noemia__oliveira@hotmail.com ; Bolsista PIBICT-JR . Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - Campus Campina Grande - Rua Tranquilino Coelho Lemos, 671- Jardim Dinâmica CEP: 58.432-300 – Campina Grande/PB

RESUMO

Este artigo discute a relação entre o mundo do trabalho e educação na sociedade atual capitalista. Esta discussão é decorrente de estudos de pesquisas de Iniciação Científica e teve como fonte de financiamento o Programa (PIBICT-JR). O objetivo deste ensaio foi identificar a percepção da relação entre trabalho e educação pelos estudantes dos Cursos Técnicos Integrados do IFPB Campus Campina Grande. A metodologia desenvolvida foi a pesquisa bibliográfica e o trabalho de campo. No contexto atual do capitalismo global, há um enorme entrelaçamento entre trabalho e educação. Cada vez mais o papel da educação tem relevância na criação de formas arraigadas no processo de reprodução do capital. Sabe-se que a educação profissional tecnológica foca seus objetivos na formação de mão-de-obra qualificada para o mercado de trabalho. Conclui-se, portanto que os estudantes dos Cursos Técnicos Integrados do IFPB/Campus Campina Grande percebem que existe uma relação sobre o a educação escolar e o mundo do trabalho é conflituosa. Entretanto, ainda há poucos elementos críticos dentro da educação profissional e tecnológica. Presume-se que seja um desafio para as ciências humanas nos Centros Tecnológicos de Ensino na reflexão crítica sobre o mundo do trabalho.

Palavras Chave: Trabalho 1, Educação 2, Percepção 3.

ABSTRACT

This article discusses the relationship between the world of work and education in capitalist society today. This discussion is the result of research studies of Undergraduate Research and scored as a funding source Program (PIBICT-JR). The objective of this trial was to identify the perception of the relationship between work and education for the students of the Integrated Vocational Campus IFPB Campina Grande. The methodology developed was the literature search and field work. In the current context of global capitalism, there is a huge entanglement between work and education. Increasingly the role of education is important in creating forms rooted in the process of reproduction of capital. It is known that and professional education technology focuses its objectives in the formation of skilled labor to the labor market. We conclude therefore that the students of the Integrated Vocational IFPB / Campina Grande Campus realize that there is a link on the the school education and the working world is conflicted. However, there are few critical elements within the vocational and technological education. Presumed to be a challenge for the humanities in the Technological Centres of Education in critical reflection on the world of work.

Keywords: Work 1, Education 2, Perception 3.

1 Introdução

Este artigo constitui parte de uma pesquisa desenvolvida em nível de Iniciação Científica (PIBICT/JR), ou seja, resulta de uma discussão sobre trabalho e educação.

Portanto, neste trabalho, o objetivo principal é de investigar a percepção que os estudantes (dos Cursos Técnicos Integrados do IFPB/Campus Campina Grande) têm em relação ao trabalho e educação no capitalismo contemporâneo.

Procura tratar das questões relacionadas ao trabalho e educação, associando-as ao meio escolar, especificamente à realidade da educação profissional.

Desta maneira, este ensaio se estrutura da seguinte maneira: Num primeiro momento se faz uma alusão sobre a metodologia aplicada no processo investigativo.

Na sequência, se trava uma discussão, de modo geral, sobre a concepção de trabalho. Longe de esgotar a riqueza e complexidade sobre a centralidade do trabalho, buscou-se de maneira didática sublinhar um breve esboço sobre a compreensão histórica do trabalho.

A discussão teórica sobre a concepção de trabalho foi embasada pelos teóricos Antunes, Lessa, Ivo Tonet entre outros. Buscou-se uma breve apresentação do sentido radical crítico e revolucionário.

Posteriormente se discutiu em torno da relação entre trabalho e educação.

Por fim, faz-se uma discussão acerca da percepção dos estudantes do IFPB/Campus Campina Grande acerca da relação trabalho e educação. Trata-se, pois, de uma pesquisa empírica, desenvolvida a partir do resultado da coleta de dados do trabalho de campo.

2 Metodologia

No processo investigativo da problemática levantada, pretendeu-se obter resultado aproximado da realidade dos estudantes dos Cursos Técnicos Integrados dos Cursos Técnicos Integrados em Mineração e Manutenção e Suporte em Informática do IFPB/ *Campus Campina Grande*.

No entendimento de Minayo (1996, p. 23) a pesquisa é a “[...] atividade básica das ciências na sua indagação e descoberta da realidade. É uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente”. Foi com este espírito que

a investigação se encaminhou, na possibilidade de entender a complexidade das relações entre o mundo do trabalho e o papel da educação numa sociedade global capitalista.

Na pesquisa qualitativa, os dados quantitativos foram importantes para a análise. No pensamento de Triviños (1995, p. 129) “a pesquisa qualitativa nas ciências sociais é também descritiva”. Neste sentido, fez-se um esboço diagnóstico da percepção dos estudantes do IFPB/*Campus Campina Grande* relacionado à questão do trabalho e educação. Dessa forma, exigiu uma maior apreensão dos dados coletados.

O universo da pesquisa se restringiu aos estudantes dos Cursos Técnicos Integrados em Mineração e Manutenção e Suporte em Informática.

O procedimento metodológico e os instrumentos de pesquisa previstos foram:

- a) a pesquisa bibliográfica;
- b) a pesquisa de campo;
- c) a organização e sistematização dos dados coletados.

Toda pesquisa implica levantamento de dados de diversas fontes, independente dos métodos ou técnicas empregadas.

Para atingir o objetivo traçado, optou-se em restringir-se à pesquisa bibliográfica ou fonte secundária que abrangeu bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo. A exemplo de boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, meio de comunicação oral (rádio, filmes e televisão).

A pesquisa de campo em geografia é uma das etapas da pesquisa muito significativa na apreensão da realidade. Na produção do conhecimento geográfico, alguns pesquisadores chamam a atenção do trabalho de campo.

No procedimento do trabalho de campo em geografia a observação, a descrição, o ouvir são elementos essenciais na pesquisa empírica. Santos (2004, p.18) chama atenção ao procedimento clássicos do trabalho de campo em geografia “[...] a descrição e explicação são inseparáveis. O que deve estar no alicerce da descrição é a vontade de explicação”.

Também, alerta Gomes (2006, p. 103) que esses procedimentos [...] é também uma tarefa

enriquecedora para o pesquisador, porém não tão simples de realizar.

Na pesquisa de campo a metodologia aplicada foi o tipo quantitativo-descritivo. Foi aplicado um questionário do tipo despadronizada ou não estruturada.

Uma vez os dados coletados, foram realizados três procedimentos sucessivos: a seleção, a codificação e a tabulação. Logo após estes procedimentos, a análise e a interpretação dos dados.

3 Trabalho: um pequeno esboço

A concepção de trabalho que a sociedade constrói varia de acordo com sua produção material e imaterial produzida historicamente num determinado espaço. Ao longo do tempo, houve várias mutações, alterações do que se compreende trabalho, desde o Mundo Antigo até os dias de hoje. Expressões de significados antônimos, a exemplo de compreender o trabalho como atividade vital e escravidão; felicidade social e servidão; vida e degradação. Isto é, a percepção histórica de trabalho exprimiou um sentido tanto positivo quanto negativo.

Trabalho do latim *tripaliare*, significa instrumento de tortura. Daí a relação de dor, sofrimento e, sobretudo, punição a compreensão de trabalho. Ainda na modernidade, Antunes (2005, p. 12) afirma que para Marx:

[...] sob o império (e o fetiche) da mercadoria, a atividade vital metamorfoseava-se em atividade imposta, extrínseca e exterior, forçada e compulsória.

Assim, sob a dimensão do capital o trabalho na modernidade é concebido como uma atividade laboral que aliena, degrada, desumaniza, escraviza conferida ao mundo da produção da mercadoria.

Conclui-se, desta maneira que o sentido do trabalho na maioria das vezes, esteve atrelado a um sentido negativo.

Dentro de uma perspectiva histórica a concepção da categoria trabalho nos estudos de Marx (1996, p. 297) diz que:

Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a Natureza, um processo em que o homem, por sua ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza. [...]. O estado em que o trabalhador se apresenta no

mercado como vendedor de sua própria força de trabalho deixou para o fundo dos tempos primitivos o estado em que o trabalho humano não se desfez ainda de sua primeira forma instintiva.

Percebe-se aí que o sentido do trabalho se diferencia na modernidade a partir do modo de produção capitalista. Num primeiro instante o trabalho para este autor é uma condição de liberdade em que o homem deve trabalhar para si, entendendo o trabalho como tarefa coletiva e não individual.

Dentro de uma perspectiva filosófica, Tonet e Lessa (2004, p.7) discutem em seu livro "Introdução à Filosofia de Marx" as grandes linhas do debate ideológico contemporâneo e inicia com uma questão chave: *Devemos hoje manter a exploração do homem pelo homem?*

Os autores apresentam duas respostas de vertentes ideológicas antagônicas. Uma da corrente conservadora e a outra da revolucionária; a primeira resposta, a conservadora é que afirmam os teóricos que há uma essência humana que faz dos homens seres necessariamente individualistas e que não poderia ser modificada pela história, portanto, não permitiria ir além da forma atual da sociedade para outra sem classes. O que significa para os conservadores que a atual sociedade capitalista é a melhor que qualquer outra; a segunda resposta, a revolucionária é que afirmam os teóricos, que é possível e necessário que a humanidade se emancipe da exploração e da opressão. Tonet e Lessa (2004, *ibid*) complementam o raciocínio, *E a única forma de evitar esta barbárie é superar as desumanidades da sociedade capitalista.*

Portanto, afirmar que a produção da sociedade burguesa gera e causa posição de espírito contrário a solidariedade, ou seja, provoca o individualismo. Entretanto, não significa que o espírito humano burguês seja miserável, avarento, medíocre não seja inabalável, inflexível.

É na relação do homem com a natureza que se baseia a concepção de trabalho. Tonet e Lessa (2004, p.12) asseveram que,

o trabalho é o processo de produção de base material da sociedade pela transformação da natureza. É sempre objetivação de uma prévia-ideação e a resposta a uma necessidade concreta. Da prévia-ideação à sua objetivação: isto é o trabalho.

Neste sentido, os autores elucidam que o trabalho é o resultado de uma prévia-ideação; ele não é um ato isolado do ser humano uma vez que conduzirá a sociedade a uma nova situação histórica.

O resultado de um trabalho não é algo de conquista singular, porque o indivíduo não é um ser isolado da história, da sociedade; o resultado de um trabalho transforma-se em uma conquista genérica, uma vez que muda e acrescenta conhecimento a uma sociedade.

Dessa maneira, em tempos históricos diferenciados, as dimensões de sociabilidade se fundam a partir do trabalho. Na compreensão de Lukács *apud* Lessa (1992 p. 2), sobre a gênese do trabalho, afirma que

[...] o processo fundante da complexa explicitação da essência humana, do devenir humano dos homens. O início da auto-constituição da humanidade enquanto gênero, o momento fundante da generidade em-si. Nesse exato sentido, a gênese da categoria do trabalho, a gênese do ser social.

Percebe-se aí a natureza fundante do ser social é o trabalho. O resultado desse trabalho possui vida própria, podendo seguir ou não o esperado; portanto, o resultado do trabalho jamais pode ser controlado pelo seu criador.

Afirmam Lessa e Tonet (2009) que o trabalho modifica a visão de mundo que o homem tem de si mesmo e das coisas que o circundam; portanto,

[...] pelo trabalho o homem se autoproduz, desenvolve habilidades e imaginação; aprende a conhecer as forças da natureza e a desafiá-las; conhece as próprias forças e limitações; relaciona-se com os companheiros e vive os afetos de toda relação; impõe-se uma disciplina. O homem não permanece o mesmo, pois o trabalho altera a visão que ele tem do mundo e de si mesmo.

Compreende-se que através do trabalho o homem constrói a si mesmo, como também deixa transparecer o que aprendeu as gerações que virão a partir dele, com essa atividade ele se autoconhece, identificando suas qualidades e seus defeitos. É com o trabalho que o homem transforma a natureza, se

diferenciando do animal, pois suas ações são dirigidas e projetadas, e no animal as ações são manipuladas pelo instinto.

4 Trabalho e educação escolar no mundo contemporâneo

A contribuição teórica de Nogueira (1993) relacionada ao princípio da união entre ensino e trabalho demonstra esclarecer a expressão “trabalho produtivo” à luz de Marx antes de refletir sobre a relação trabalho e educação.

A autora evidencia que no geral, o trabalho produtivo “designa todo e qualquer trabalho que tenha por resultado um produto.”

Entretanto, a autora chama a atenção que essa concepção no modo de produção capitalista, aufere outro significado, uma vez que a regra básica econômica da produção capitalista é a obtenção de lucro e a lógica de acumulação desse lucro, e, portanto, produzir mais-valia.

Isto é, o primeiro significado considera ao meio geral de reprodução da vida humana. O segundo sentido diz respeito às qualidades peculiares em que o trabalho se concretiza sob a égide do capital.

No que se refere à natureza da educação Saviani (2008, p. 13) ratifica que pertence ao “âmbito do trabalho não-material, tem a ver com as ideias, conceitos, valores, símbolos, hábitos, atitudes, habilidades (...)”. É importante lembrar que para este autor a educação não se resume ao ensino escolar.

Entretanto, no âmbito escolar, a escola tem a ver com o saber sistematizado Saviani (*ibid* 2008) “a escola existe, pois, para propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência) (...)”.

No contexto atual do capitalismo global, há um enorme entrelaçamento entre trabalho e educação. Cada vez mais o papel da educação tem relevância na criação de formas arraigadas no processo de reprodução do capital.

As formas são das mais diversas incentivadas pela construção de ideias e/ou expressões afirmativas como “aprender a aprender”; “aprender a ser”; “aprender a empreender”¹ que corroboram com o fato de que a educação foca seus objetivos na formação de mão-de-obra qualificada para o mercado de trabalho.

O incremento em cursos de pequena duração, em cursos à longa distância e o investimento

1 Expressões utilizadas por Livia de Cássia G. Moraes (2008) para explicar que a educação reproduz as determinações causais do capital.

em políticas públicas no papel da inclusão digital sinaliza, entre outros elementos no meio técnico-científico informacional, condições necessárias para a realização da competitividade concomitante a qualificação do trabalhador atrelada à educação.

A força desses elementos é bastante expressiva ao realizar uma breve busca pela internet em variados sites:

[...] as empresas têm cada vez mais priorizado a excelência [...] de seus funcionários e candidatos [...]. [...] o funcionário considerado como pró-ativo seria aquele que vai atrás do trabalho e da forma de realizá-lo, apresentando-se como empreendedor [...]. [...] as empresas vêm exigindo de seus funcionários que se mantenham atualizados em cursos de treinamento, pós-graduação ou MBA's.

“O processo de seleção em empresas costuma ser abrangente, com provas que vão de conhecimentos gerais, matemática financeira, inglês, raciocínio lógico e verbal e até testes de personalidade e grafologia.

“Passada a eliminação dos currículos que não apresentam domínio de uma ou mais línguas estrangeiras e bom desempenho acadêmico, [...] foi citada como a característica mais valorizada em um jovem funcionário, seguida por domínio da Internet e preocupação constante em manter-se atualizado.”

Diante desse quadro de informações que é reforçada pela mídia, percebe-se como se dá a relação do trabalho com a educação formal, as exigências e o tipo de conhecimento que é necessário para a inserção do trabalhador no mercado de trabalho.

Esse conjunto de elementos induz a pensar sobre a irrelevância da área de humanas, que direcione um desenvolvimento da capacidade crítica na formação do estudante para a sua inserção no mundo do trabalho.

É notável a resistência que houve durante muito tempo, na educação formal, a inclusão de disciplinas como sociologia e filosofia no Ensino Médio e no Ensino Fundamental.

A venda da força do trabalho está diretamente relacionada às exigências do mercado competitivo na qual a educação formal, geralmente, volta-se na compreensão de estudos que balize a atender as

exigências do mercado competitivo que colabora com a construção de um saber fragmentado e acrítico sobre o processo produtivo que ele participa dentro do sistema capitalista.

Assim, o trabalho na sociedade capitalista se altera, degrada-se, torna-se estranhado. Seguindo este raciocínio, Antunes (2002, p. 126) afirma que “a força de trabalho torna-se como tudo, mercadoria, cuja finalidade vem a ser a produção de mercadorias. [...]. Esta é a radical constatação de Marx: a precariedade e a perversidade do trabalho na sociedade capitalista”.

5 Discussão e resultados:

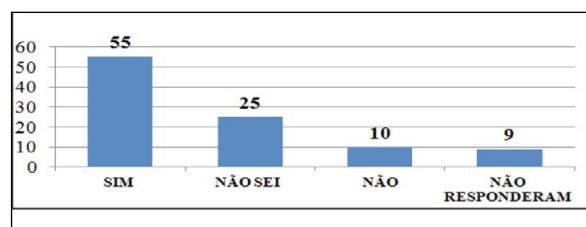
5.1 Trabalho e educação: a percepção dos estudantes do IFPB/Campus Campina Grande

A pesquisa realizada no trabalho de campo se restringiu aos estudantes dos Cursos Técnicos Integrados em Mineração e Manutenção e Suporte em Informática. Optou-se pela aplicação do questionário apenas aos estudantes das turmas dos terceiros anos.

A metodologia aplicada foi quantitativo-descritiva, observações assistemáticas e entrevistas despadronizadas, a fim de compreender, de forma concreta, o nível de entendimento dos estudantes,

O quantitativo total do universo pesquisado foi de 99 estudantes dos cursos supracitados.

Gráfico 01 – Você tem perspectiva de emprego?



Fonte: pesquisa de campo/2012.

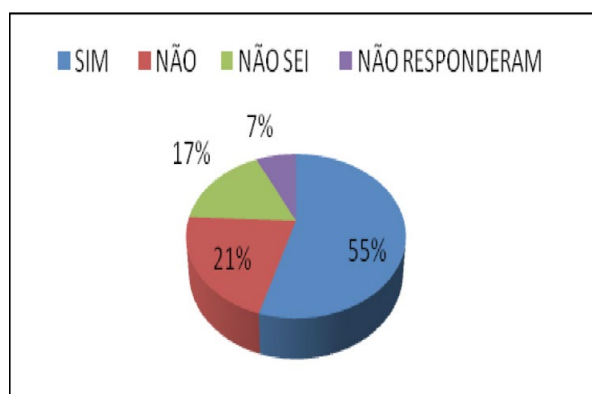
É possível observar no gráfico 01 que o percentual de jovens que têm perspectivas de emprego chega aos 56%, enquanto aqueles que não têm perspectivas chegam a 10%; já os que não souberam ou não responderam juntos, somam 34%.

Desta forma, é possível constatar a expectativa que os estudantes dos Cursos Técnicos Integrados,

cursando o penúltimo ano do curso, possuem perspectivas de emprego.

Porém, o Gráfico 1 demonstra que 34% dos estudantes não sabem ou não responderam o que almejam para um futuro profissional. Portanto, presume-se que ainda há jovens que estão não vislumbram uma perspectiva de emprego.

Gráfico 02 – Você conhece seu perfil profissional quanto técnico?

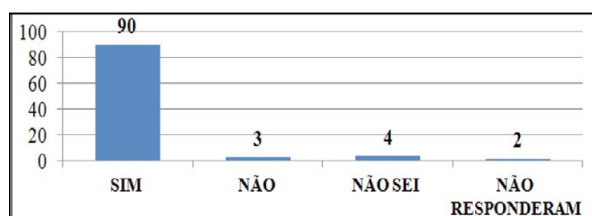


Fonte: pesquisa de campo/2012.

Nota-se no Gráfico 02 que 55% dos alunos dos Cursos Técnicos Integrados em Suporte em Informática e Mineração conhecem o seu perfil profissional, em contra partida com os 38% não conhecem e não sabem e os 7% não responderam.

A partir de tais dados é possível notar que a grande maioria conhece sim seu perfil profissional, seja por meio de reportagens na televisão, seja por testes vocacionais que são facilmente encontrados em sites na internet, mas que nem sempre são confiáveis.

Gráfico 03 – A educação profissional e tecnológica gera oportunidades de emprego para os jovens?



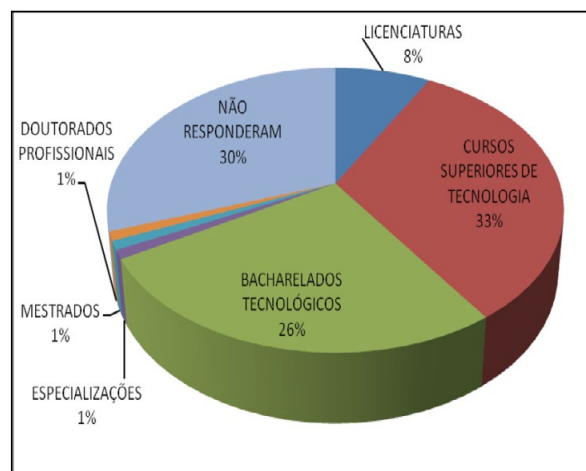
Fonte: pesquisa de campo/2012.

Observa-se no Gráfico 03 que 91% dos alunos concordam que a Educação Profissional e Tecnológica, gera oportunidade de emprego. Porém, existem 3% dos alunos que acreditam que esse tipo de educação não é capaz de inserir jovens no mercado de trabalho, além dos 6% que não sabem e não responderam.

Com essa alta porcentagem de estudante que entendem que na Educação Profissional e Tecnológica gera oportunidades de emprego.

Muitos deles acreditam que com essa formação profissional e tecnológica estarão devidamente inseridos no mercado de trabalho.

Gráfico 04 – Quais das seguintes opções você considera como mais relevante para a inserção no mercado de trabalho?



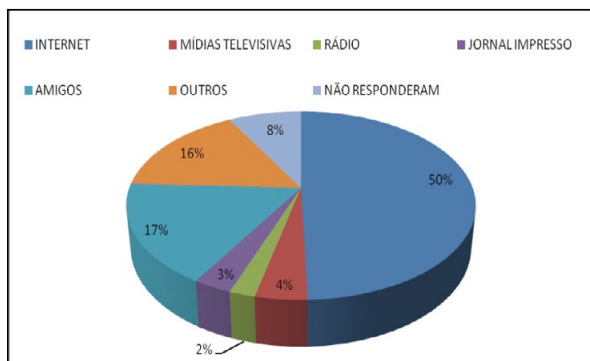
Fonte: pesquisa de campo/2012.

Observa-se no Gráfico 04 que, 33% dos estudantes optaram pelos Cursos Superiores de Tecnologia na inserção do jovem no mercado de trabalho. Já 26% dos estudantes responderam que os bacharelados tecnológicos irão propiciar o jovem no mercado de trabalho.

Percebe-se que 30% dos estudantes ainda não sabem em que grau de escolaridade é relevante para se inserirem no mercado de trabalho. Presume-se que há um despreparo do jovem em saber a relevância do estudo para o mundo do trabalho.

Percebeu-se também que os jovens não têm perspectiva que o nível de escolaridade (Mestrado e Doutorado) deve propiciar maior relevância na inserção do mercado de trabalho.

Gráfico 05 – Quais dos seguintes meios de comunicação você considera fundamental para o jovem seguir o primeiro emprego?

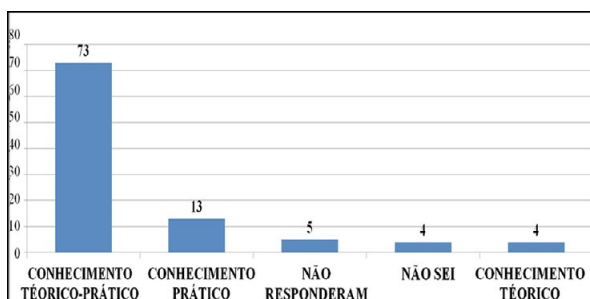


Fonte: pesquisa de campo/2012.

Observa-se no Gráfico 05 que 50% dos estudantes optaram pela internet como meio de adquirir o primeiro emprego. Presume-se que há ausência do Estado no fomento de políticas de inserção do jovem no mercado de trabalho concernente aos meios de comunicação.

Conclui-se que o acesso à tecnologia do mundo virtual, da internet, ao longo dos anos propiciou um aumento facilitador ao fluxo de informações, inclusive para a inserção do jovem no mercado de trabalho.

Gráfico 06 – Você acha que o mercado de trabalho atualmente exige do jovem contratado que tipo de conhecimento?

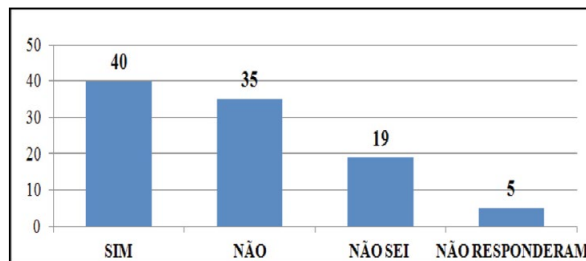


Fonte: pesquisa de campo/2012.

No Gráfico 06, 74% dos estudantes afirmaram que o mercado de trabalho exige conhecimento teórico-prático, procedido por 13% dos alunos que disseram que o mercado de trabalho exige conhecimento prático, 4% afirmou que ser o conhecimento teórico para se inserir no mercado de trabalho e 9% dos alunos não sabem ou não responderam.

Presume-se que há uma percepção da importância do ensino para garantir a inserção do jovem no mercado de trabalho.

Gráfico 07 – Você gostaria de continuar estudando no IFPB *Campus Campina Grande*?



Fonte: pesquisa de campo/2012.

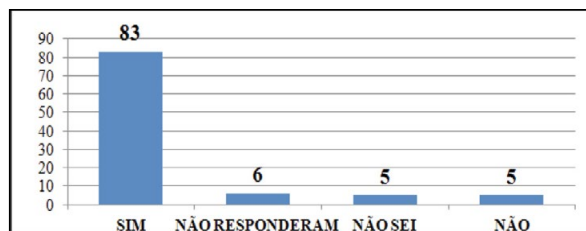
O Gráfico 07, demonstra que 40% dos estudantes afirmaram que gostaria de continuar estudando no IFPB, enquanto que 35% dos alunos não gostariam de continuar.

Para aqueles que não sabem e não responderam soma-se 24%.

É perceptível a contradição existente no jovem, no que se refere à relação educação e trabalho. No gráfico 4, demonstra a importância do estudo profissional e tecnológico.

Presume-se que esta contradição deve estar relacionada a uma determinada imposição familiar de cursarem o curso técnico que está inserido.

Gráfico 08 – Você acha que existe relação entre educação e capitalismo?



Fonte: pesquisa de campo/2012.

No Gráfico 08, 84% dos estudantes afirmaram ter o conhecimento acerca da relação existente entre a educação e o capitalismo, isto é com o mundo do trabalho.

É possível constatar que a grande maioria dos jovens percebem que há sim relação entre educação e capitalismo. Entretanto, não foi possível constatar de como se a complexa relação.

6 CONCLUSÃO

Na esfera educacional, o capital na sua ofensiva se materializa em ações e formulações no intuito de reconfigurar o sistema educacional para atender as necessidades do sistema econômico.

Dessa forma, prepara o trabalhador para ocupá-lo em postos de trabalho em condições mais flexíveis, propiciadas pelo avanço da ciência e da tecnologia.

Para SOUZA (2010, p. 138) “a forma mais comum desta pedagogia da hegemonia tem sido a propagação da ideia de que a razão do desemprego é a carência de qualificação profissional”.

Conclui-se, portanto, que os estudantes dos Cursos Técnicos Integrados do IFPB/Campus Campina Grande percebem que existe uma relação sobre o a educação escolar e o mundo do trabalho é conflituosa. Entretanto, ainda, há poucos elementos críticos dentro da educação profissional e tecnológica. Presume-se que seja um desafio para as ciências humanas nos Centros Tecnológicos de Ensino na reflexão crítica sobre o mundo do trabalho.

REFERÊNCIAS

ANTUNES. Ricardo L. C. **O caracol e sua concha**: Ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. 8ª ed. – São Paulo: Boitempo, 2005.

ANTUNES. Ricardo L. C. **Adeus ao Trabalho?**: Ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 8ª ed. – São Paulo: Cortez; Campinas. SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2002.

ARANHA. Maria Lúcia de Arruda. MARTINS. Maria Helena Pires. Visão histórica do trabalho. In: **Filosofando**: Introdução à filosofia. 2ª ed. – São Paulo: Moderna, 1993.

LESSA, Sérgio e TONET, Ivo. **Introdução à filosofia de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

LESSA, Sérgio. **Lukács: Trabalho, Objetivação, Alienação?** Fonte: http://www.sergiolessa.com/artigos_92_96/trabalho_objetivacao_alienacao_1992.pdf. Acesso em 12 abril 2012.

MARX, Karl. A produção de mais-valia absoluta. Crítica da economia política. In: MARX, Karl. **O capital**: o processo de produção do capital. V. I. Livro Primeiro. Tomo I. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996, p. 297

NEVES, Lúcia Maria Wanderley. Ensino Médio, Ensino Técnico e Educação Profissional: Delimitando Campos. In: NEVES, Lúcia Maria Wanderley (org.). **Educação e Política no limiar do século XXI**. Ed 2º. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2008. (Coleção Educação Contemporânea)

NOGUEIRA, Maria Alice. **Educação, saber, produção em Marx e Engels**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1993.

PILETTI. Nelson. PILETTI. Claudino. **História e Vida**: Dos tempos modernos ao mundo globalizado. 21ª ed. São Paulo: Ática, 2001.

Rosseau. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade**. 1755. Citado em: Luiz R. Salinas Fortes. *Rousseau*. São Paulo. FTD. 1989. p. 49 e 102.

SAVIANI. Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 10 ed. rev. Campina, SP: Autores Associados, 2008.